ARTICULAÇÃO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA NA DISCIPLINA REDAÇÃO E PRODUÇÃO EM TELEJORNALISMO DO CURSO SUPERIOR DE JORNALISMO DA PUC MINAS¹

Iara Cordeiro de Melo Franco²

Resumo

Neste artigo, relatamos a experiência metodológica que vem sendo adotada na disciplina Redação e Produção em Telejornalismo, do curso de Jornalismo da PUC Minas, desde o segundo semestre de 2016. Nele, refletimos tanto sobre transformações no campo do jornalismo no século atual, especialmente aquelas desencadeadas pelo surgimento do jornalismo cidadão e do “midialivrismo”, quanto sobre a necessidade de promover melhor aproveitamento das aulas práticas da disciplina, a fim de proporcionar uma formação adequada aos futuros profissionais.

Palavras-chave: Linguagem audiovisual. Telejornalismo. Midialivrismo. Metodologia de aulas práticas.

Abstract

In this article we report the methodological experience which has been used in the PUC Minas course on Writing and Production in Telejournalism since August 2016. It presents reflections on both the transformations in the field of journalism in the current century, especially those triggered by the emergence of citizen journalism and "media-livrismo", as well as on the need to promote a better use of the practical classes within the course in order to favor an adequate education for the future professionals.

¹ Trabalho apresentado ao XI Simpósio de Pedagogia – Boas práticas Educativas, Belo Horizonte, MG, maio de 2018.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da USP, professora dos cursos de Jornalismo e Cinema e Audiovisual da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas. ifranco@pucminas.br e iara.cmfranco@gmail.com

Keywords: Audiovisual language. Telejournalism. “Midialivrisimo”. Practical classes methodology.

1 introdução

Em julho de 2005, logo após o atentado terrorista em estações do metrô londrino, o jornal britânico *The Guardian*³ publicou diversos textos que buscavam identificar e explicar o até então pontual fenômeno de transformação de pessoas comuns em cinegrafistas e repórteres. No dia 07 daquele mês, dezenas de passageiros das linhas atingidas alimentaram blogs e a grande imprensa com mensagens de texto, fotos e vídeos feitos com dispositivos móveis, antes mesmo dos repórteres profissionais chegarem à cena do fato.

No texto “We had 50 images within an hour”⁴, publicado no caderno de Tecnologia e assinado pelo *MediaGuardian*, o leitor foi informado de que as redações das grandes empresas de comunicação foram inundadas com material de cobertura da tragédia, enviado diretamente dos locais onde as bombas explodiram. O episódio levou executivos dos veículos a apontarem um “ponto de inflexão” na história da imprensa. Aparentemente, eles celebraram o nascimento do repórter cidadão.

Mas o atentado de Londres não foi a primeira grande evidência de que algo de novo acontecia nas redações da grande imprensa. Uma prévia da cobertura cidadã em Londres se deu em dezembro de 2004, quando o mundo também acompanhou a transmissão de imagens, áudios e relatos feitos por pessoas que vivenciaram e registraram o tsunami no sudeste asiático e seu efeito devastador, com a morte de mais de 200 mil pessoas.

Os dois episódios podem ser considerados fundantes de um novo tempo na cobertura jornalística, baseado no tripé: novos atores, dispositivos móveis e tecnologia em rede. Contar com o material produzido por quem estava no local do

³ Oito textos foram reunidos em um documento que esteve disponível em: <http://media.guardian.co.uk/newmedia/>. O acesso original foi feito em julho de 2005. Um deles, “Public provides new dimension to media coverage”, de Julia Day e Chris Johnston, está disponível em <https://www.theguardian.com/media/2005/jul/08/attackonlondon.digitalmedia>. Acesso em: 30 abr. 2018.

⁴ Nós recebemos 50 imagens no espaço de uma hora (tradução nossa).

acontecimento, no exato momento de sua realização, fez toda a diferença na cobertura disseminada pela mídia hegemônica, em 2004 e 2005.

Cinco anos mais tarde, em dezembro de 2010, quando eclodiu a Primavera Árabe, no Oriente Médio e no norte da África, voltamos a ser informados pelo sujeito ordinário sobre acontecimentos com grande repercussão mundial. Outras manifestações sociais vieram na sequência, todas elas registradas e dadas a conhecer mundo afora, também, pelas lentes dos participantes.

Na Espanha, em 2011, a missão foi de jovens que desencadearam o movimento “Indignados”, também conhecido como “15-M”, que protestou contra a austeridade adotada pelos políticos em função da crise econômica, iniciada em 2008. Nos Estados Unidos, no mesmo ano, o Occupy Wall Street⁵ propôs uma revolução mundial e o fim da corrupção e da ganância.

Em 2013, o “#Diren Gezi”, na Turquia, levou milhares de pessoas a protestar contra o corte de árvores e a proposta de edificar o espaço do parque Gezi, em Istambul. Ainda em 2013, as Jornadas de Junho, no Brasil, levaram milhares de pessoas às ruas e grupos de midialivrismo⁶ se encarregaram de dar sua versão dos fatos.

Molina e Medeiros (2017) destacam esses e outros movimentos da mesma década como fundamentais para o rompimento com a forma tradicional de se fazer jornalismo.

Entretanto, se verificarmos com atenção, veremos que, a partir da segunda década do século XXI, o que entrou em ação na transmissão de fatos e eventos foi um sistema de cobertura complementar. Ou seja, o público passou a ter a opção de ser informado tanto pelos meios tradicionais de Rádio, TV, Jornais impressos e suas versões na Internet, quanto pelos meios alternativos, especialmente as Redes Sociais Digitais.

⁵ <http://occupywallst.org/>

⁶ Segundo Molina e Medeiros (2017, p.4) “midialivrismo” é “[...] uma neologia criada por grupos de jornalistas e ativistas sociais que desenvolvem atividades de comunicação comunitária e de jornalismo cidadão utilizando principalmente as tecnologias digitais”. Os autores citam Costa (2012) para quem, no midialivrismo, prevalece a liberdade de produzir e pôr em circulação o que se quer, sem interferências externas e sem foco no lucro. Mídia Ninja e Jornalistas Livres são exemplos do movimento “midialivrismo” no Brasil.

Embora, nas manifestações no Brasil, a grande imprensa tenha sido rechaçada pelos manifestantes⁷, a ela coube o papel de mostrar o evento de forma mais abrangente, com o ponto de vista, ainda que superficial, dos diversos atores envolvidos, acrescido de fotos, imagens em movimento, sons e infográficos, a depender da mídia utilizada. É certo que profissionais da grande imprensa foram muitas vezes constrangidos a valorizar o ponto de vista de setores hegemônicos, mas não se pode negar que traçaram o panorama da situação e, portanto, cumpriram sua função.

Do outro lado, a mídia alternativa se esmerou em abordagem, usualmente relegada pelas grandes redes de TV, ouvindo com profundidade personagens menos favorecidos, que participavam dos eventos. Com recursos técnicos e humanos mais exíguos, não aspirou a construir reportagens nos moldes tradicionais, nas quais o repórter introduz e contextualiza o fato e busca ouvir os lados envolvidos, alinhavando as duas versões com textos que resultam de sua apuração (complementada pela apuração feita pela equipe da redação) e de sua convicção (ou da empresa para qual trabalha).

2 Impacto das transformações no campo e a formação do jornalista

A importância e o papel da formação técnica, ética e humanística do profissional em nível superior são aspectos presentes, em geral, no planejamento do professor ciente das transformações políticas, sociais, e tecnológicas do mundo contemporâneo, com significativas consequências para o mundo do trabalho.

A organização didática e metodológica de disciplinas que fazem parte do eixo Fundamentação Específica e de Formação Profissional e Qualificação, tais como Redação e Produção em Telejornalismo, exige que o docente tenha em perspectiva um cenário ambivalente: por um lado, o profissional pode ser chamado a atuar segundo o modelo tradicional de cobertura televisiva, por outro, ele pode aderir à perspectiva do midialivrismo e do jornalismo cidadão, que não estão presos ao modelo de produção da grande mídia, mas compartilham aspectos fundamentais da comunicação audiovisual.

⁷ Profissionais da imprensa foram atacados em diversas ocasiões. A mais grave levou à morte de um cinegrafista da TV Bandeirantes, atingido por um rojão em fevereiro de 2014, no Rio de Janeiro.

Nos dois casos, o futuro profissional deve ter habilidades e competências que lhe permitam cuidar tanto de sua inserção no mercado de trabalho quanto do exercício da função social própria da profissão, oferecendo à sociedade, conforme Zucoloto (2002 *apud* DAHER; PORTO JUNIOR, 2017), informação de qualidade, ética e democrática.

Nesse sentido, tanto entidades profissionais, como a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), o Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ) e a Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ, 2008), quanto instituições, a exemplo da UNESCO (2010) e do Ministério da Educação (2013), contribuíram para a discussão sobre a formação do profissional de jornalismo nas primeiras décadas do segundo milênio.

No Brasil, boa parte das contribuições foram reunidas nas novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo, publicadas pelo Ministério da Educação em 2013. Baseada nessas diretrizes, a coordenação do curso de Jornalismo da PUC Minas formulou novo Projeto Pedagógico, que vem orientando a adequação das antigas e novas disciplinas.

Conforme o Projeto Pedagógico, que entrou em vigor em 2016, um dos objetivos do curso é capacitar o estudante a conhecer e entender a realidade em todas as suas dimensões e articulá-la com a atividade jornalística.

Os principais objetivos do Curso se fixam no desenvolvimento de habilidades e competências de seus egressos para que sejam capazes de conhecer a realidade política, social e cultural, saber articular a atividade jornalística com a construção da cidadania e da democracia, compreender as implicações do fazer jornalístico em seus componentes éticos, políticos e sociais bem como adotar critérios técnicos de rigor, objetividade e independência na produção jornalística visando o interesse e bem estar público (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, 2013, p. 15).

São metas oferecer formação teórica, cultural e ética, além de uma base teórica no campo das ciências sociais, do jornalismo e da Comunicação Social. As técnicas jornalísticas devem ser aprendidas e praticadas ao longo da graduação. Com a formação ofertada, espera-se que possam cumprir a função social de informar a sociedade e situar a notícia narrada em seu contexto mais amplo, de modo a fornecer elementos ao público para que compreenda a dimensão do fato ou

do fenômeno, suas causas, consequências e implicações na vida do sujeito, da sociedade ou, nos dizeres de Latour (2012), do agregado social.

Aumentar as chances de atingir tais metas pressupõe privilegiar tanto a participação ativa do aluno na construção de seu conhecimento, o que se dá no interior da disciplina, quanto a integração entre os conteúdos horizontal e vertical da grade.

3 A opção metodológica na disciplina Redação e Produção em Telejornalismo

Conforme o projeto pedagógico do curso de Jornalismo da PUC Minas, a disciplina tem carga horária de 3h20m semanais, sendo 1h40m dedicadas à aula prática e 1h40m dedicadas à aula teórica. Para permitir um melhor aproveitamento da aula prática, a turma é dividida em dois grupos de 23 pessoas, em média. Todas as aulas são ministradas em uma mesma manhã, o que ajuda a otimizar as atividades desenvolvidas. Para o professor, a disciplina ocupa três horários, sendo o primeiro destinado à aula prática do Grupo 1; o segundo destinado à aula teórica para todos os alunos e o terceiro, dirigido à prática pelos alunos do Grupo 2.

A motivação inicial para a adoção da nova metodologia girou em torno da necessidade de ocupar os alunos durante as aulas, posto que, anteriormente, enquanto alguns alunos recebiam orientação sobre apuração, redação e gravação de textos individuais, os demais ficavam ociosos aguardando sua vez de serem atendidos. Também como motivação inicial, havia a convicção de que era necessário conduzir a turma a um processo de exercício mais próximo da prática profissional, expondo os estudantes à vivência da pressão do tempo e da habilidade em identificar pautas de interesse do público-alvo, a apurar com rigor, a redigir, a montar *script*, e a transmitir ao vivo boletins noticiosos, no tempo da aula.

Em semestres anteriores a 2016, os alunos apenas redigiam e gravavam notas. Depois da introdução da nova metodologia, foram acrescentadas outras atividades necessárias à produção de um boletim telejornalístico. Essas incluíram o

estímulo aos estudantes para se manterem atualizados através da leitura de jornais e revistas e ou da escuta de programas de rádios *all News*. O objetivo é ampliar a compreensão dos fatos locais, nacionais e internacionais acontecidos ou por acontecer; seu contexto; atores; e consequências para a sociedade.

A partir de 2016, passamos a considerar, ainda, que a atividade, subdividida inicialmente em duas partes: a leitura/escuta das notícias do dia; a redação de textos dos *stand ups* (todos revisados pela professora no decorrer da própria aula), deveria se tornar mais complexa por meio da incorporação de outras atividades específicas do fazer telejornalístico. Começamos então a realizar outras etapas/funções do ofício, tais como edição/direção (definição de assuntos a serem contemplados na edição do dia, paginação ou ordem de entrada dos assuntos segundo critérios de noticiabilidade e interesse do público-alvo, textos das chamadas dos âncoras), produção, ancoragem, e gravação de entrevista no formato “povo fala”. O resultado é a transmissão semanal, ao vivo, de boletins no fim do horário das aulas práticas dos grupos 1 e 2.

As atividades se tornaram mais complexas e consumidoras de tempo, mas o horário da aula continua a ser o mesmo, ou seja, 1h40m. Dado o número elevado de diferentes atividades a serem cumpridas pelos alunos; a necessidade de acompanhamento por parte do professor de cada uma delas; e a alternância semanal de atividades desenvolvidas por cada aluno⁸, tornou-se impossível produzir e transmitir o boletim/telejornal em tão pouco tempo. Constatamos que 2 horas seria o tempo ideal para cada grupo executar todas as atividades preparatórias até a “colocação” do jornal no ar.

Depois de 3 semestres de implantação da metodologia, avaliamos que as atividades/etapas/funções desenvolvidas a cada aula representam oportunidade ímpar para orientação individualizada e discussão sobre os mais variados aspectos da formação ética, humanística e profissional dos jovens. Um aspecto negativo refere-se ao fato de que, para que seja executada no modelo atual, é preciso

⁸ Por questões metodológicas, o processo semanal de transmissão dos boletins noticiosos ao vivo foi dividido nas seguintes etapas: edição/direção; produção; entrevista para o “povo fala” e *stand up* (formato telejornalístico no qual o repórter, de pé para a câmera, transmite a notícia. Nele não há imagens do fato reportado). A cada semana 2 alunos fazem a edição, 2 a produção, 2 as entrevistas de “povo fala”, 2 fazem a ancoragem/apresentação do telejornal no estúdio e o restante faz as notas apresentadas sob o formato *stand up*. Os alunos são estimulados a desempenhar todas as atividades, variando-as a cada semana.

suprimir o intervalo de 10 minutos entre as aulas e, em alguns dias, ultrapassar 10 minutos ao final da última aula, além de ser necessário reduzir o horário da aula teórica.

Procura-se minimizar o problema, abordando o conteúdo da aula teórica durante a aula prática. Como o assunto principal das aulas teóricas é a linguagem audiovisual, tema raramente explorado em disciplinas de telejornalismo, a dinâmica que “funde” aula prática com aula teórica tem potencial para ser bem-sucedida.

Temas como composição (do quadro televisivo), iluminação natural e artificial, continuidade, montagem e som podem ganhar novo sentido quando apreendidos pelos alunos durante a produção dos boletins telejornalísticos. Nesse momento é feito esforço para articular a teoria à prática, através da justaposição dos conceitos e regras da linguagem audiovisual e do telejornalismo com as atividades práticas, desenvolvidas durante as aulas e em trabalhos extraclasse (os alunos produzem, gravam e editam duas reportagens por semestre. Além disso, gravam entrevistas de estúdio e produzem um grande telejornal ao final do semestre com as reportagens produzidas).

Os cinco boletins produzidos, gravados e transmitidos no semestre são exibidos e avaliados durante parte da aula teórica, assim como as duas reportagens produzidas extraclasse por cada grupo e demais produções. O processo de compreensão sobre os aspectos da linguagem audiovisual e sua apropriação tende a acontecer de maneira mais efetiva para aqueles alunos realmente motivados e interessados em aprender.

Na disciplina Redação e Produção em Telejornalismo, o estudante é ainda estimulado a se envolver com a comunidade, compartilhando com ela os conhecimentos adquiridos nas aulas práticas e teóricas.

A prática de extensão se concretizou em um encontro, realizado pela primeira vez no primeiro semestre de 2018. Durante uma manhã, alunos do curso de jornalismo, supervisionados pela professora, receberam 8 jovens de comunidades menos favorecidas. Conforme planejamento feito na semana anterior, cada dupla ou grupo de estudantes de jornalismo iniciou a atividade apresentando a estrutura do laboratório, equipamentos e dinâmicas. Outros grupos ensinaram noções sobre os processos de confecção de telejornais, coordenando a montagem de um boletim

informativo produzido, reportado e apresentado por jovens participantes do projeto de extensão da universidade Providência Jovem. O resultado da atividade foi a gravação de um boletim informativo de cerca de 7'30". A produção contou com a apresentação de dois jovens no estúdio, 4 *stand ups* gravados por outros quatro jovens a partir do *hall* do Prédio de Laboratórios, uma entrevista no formato povo fala, gravada no dia, e uma reportagem denúncia gravada com o celular por um dos participantes em dias que antecederam o encontro na PUC (conforme previsto em nosso planejamento).

Ainda não foi possível fazer avaliação da atividade de extensão, mas, segundo coordenadores do Projeto Providência, a atividade entusiasmou os jovens. Para os alunos do curso de Jornalismo, ouvidos em avaliação em sala de aula, a experiência foi tão exitosa que merece ser realizada em dois encontros. O primeiro seria destinado ao conhecimento da estrutura, dos processos e ensaios e o segundo, à preparação, transmissão e gravação do boletim noticioso.

A prática nos faz constatar que, quando os jovens acessam os meios e a linguagem de um formato jornalístico, experimentam-nos e se veem como sujeitos capazes de buscar e dar visibilidade a notícias que lhes interessam porque falam de suas vidas, começamos a colocar em prática o conceito de letramento midiático (*media literacy*), desenvolvido por Jenkins (2009). Ao se posicionarem do outro lado das câmeras, os jovens podem mimetizar o que é feito na mídia convencional, mas podem também, a partir da experiência empreendida e acompanhados por professores e outros educadores, desenvolver habilidades de crítica e análise da mídia, além de postura ética diante da produção jornalística audiovisual.

4 Objetivos da metodologia

Os trabalhos em sala têm o objetivo de auxiliar o aluno a entender o contexto em que se exerce a profissão, ajudando-o a perceber a complexidade do processo, as diversas etapas, os inúmeros profissionais ou funções envolvidas e a necessidade de desenvolver habilidades para conviver e colaborar. Diante da premência de realizar tudo a tempo e a hora, os estudantes são orientados a focar, planejar, organizar e manter controle sobre os inúmeros fatores envolvidos na

transmissão de um telejornal. O processo é conduzido de modo que tudo aconteça de forma equilibrada, sem estresse em excesso e com cordialidade. Importa que os alunos percebam que esses são pré-requisitos para que haja qualidade na prestação do serviço de informar e de criar condições para que o público-alvo compreenda o contexto, as causas, consequências e o impacto para a sociedade ou para o grupo ao qual o noticiário se destina.

Além disso, a metodologia da disciplina também busca desenvolver o sentido de dúvida, de alerta sobre a existência de erro, de apuração malfeita, de intenções duvidosas por parte de fontes, e de crítica em relação ao próprio trabalho e ao do outro. Fazerem-se as perguntas mais relevantes, que os espectadores gostariam de fazer também é exercício fundamental nas atividades da disciplina e que refletem as exigências profissionais para um bom jornalista.

Por fim, mas não menos importante, há o objetivo de reforçar a competência do aluno para usar seu dispositivo móvel para captação de áudio e imagem com qualidade técnica e expressiva.

5 Competências e habilidades trabalhadas nas aulas de Redação e Produção em Telejornalismo

Segundo o parágrafo único do Art. 5º da Resolução do Conselho Nacional de Educação (2013), o concluinte do curso de Jornalismo deve ter inúmeras competências, habilidades, conhecimentos, atitudes e valores. Em relação às competências, elas foram agrupadas em gerais, cognitivas, pragmáticas e comportamentais.

Em nossa disciplina, as competências gerais são trabalhadas no momento em que os alunos são solicitados a:

1. Manterem-se informados sobre notícias que tratam de temas relevantes para sociedade⁹. Nesse aspecto, eles devem, no mínimo, acompanhar o noticiário na véspera e no dia da aula.
2. Fazer a seleção de 2 ou 3 notícias que tenham maiores chances de interessar o público-alvo do boletim jornalístico, que, como dito, é produzido no horário da aula.
3. Apresentar as notícias selecionadas na reunião de pauta logo no início da aula e defender suas escolhas. Nesse momento, os alunos têm a oportunidade de compartilhar o *lead* (O quê?, Quem?, Como?, Quando?, Onde?, Por quê?) de cerca de 40 notícias, ampliando assim o grau de informação do grupo.
4. Definir quais notícias serão veiculadas (a cada edição, entram cerca de 12), segundo critérios de valor-notícia previamente discutidos no primeiro encontro.
5. Ler a notícia e se esforçar para compreendê-la (antecedentes e implicações). Notícias de economia, política, meio ambiente nacionais e internacionais, e tecnologia são enfatizadas pela professora com o objetivo de “forçar” a constituição de repertório nessas áreas.

No momento da redação das notas a serem apresentadas sob a forma de *stand up* (repórteres ficam no *hall* do prédio de Laboratórios) e notas secas (lidas pelos âncoras em *teleprompter* ou TP, dentro do estúdio), é feita a revisão do texto de cada aluno para verificar aspectos linguísticos e identificar se o estudante compreendeu corretamente o texto publicado em jornal impresso ou em portais de notícia. Procura-se, nessa etapa da aula, identificar, com o aluno, possíveis erros de apuração e organização da notícia pela fonte consultada. Quando se intui que há erro, o estudante é solicitado a fazer a dupla checagem, com consulta a outros jornais/portais, ao site da fonte original da notícia ou por telefone com especialistas (procedimento raro, mas recomendado pela professora). É importante observar que

⁹ O documento “Modelo curricular da UNESCO para o ensino do Jornalismo”, publicado no Brasil em 2010, destaca a necessidade de ajudar o estudante na aquisição de conhecimentos gerais amplos e em campos especializados e prepará-lo para adaptação ao desenvolvimento tecnológico e outras mudanças nos meios de comunicação.

notícias de cultura, esportes, comportamento e cidades são as preferidas pelos alunos.

O desenvolvimento das competências cognitivas, que preveem, entre outros, o conhecimento do papel do jornalismo na democracia e no exercício da cidadania, e das especificidades éticas, técnicas e estéticas do jornalismo, também está contemplado na atividade semanal. O aluno é não só estimulado a compreender o fato narrado como também é, a pensar na linguagem e na estruturação da notícia mais adequadas para potencializar o entendimento da narrativa pelo público-alvo. O aluno é instigado a pensar no outro, em suas possíveis limitações, dificuldades, ausência de bases para compreender a notícia e seu impacto na sociedade. A partir disso, o aluno deve tentar construir sua narrativa de forma a ampliar seu potencial de comunicabilidade. Por se tratar de jornalismo audiovisual, os aspectos da composição da imagem, seu enquadramento, iluminação, e da montagem (ritmo, variedade e duração dos planos, entre outros) são discutidos durante a fase de preparação do boletim e durante a transmissão, quando alunos que se responsabilizaram pela edição e produção acompanham a transmissão a partir do Controle Mestre (central onde se faz a comutação das câmeras entre estúdio, externa e VT).

Simultaneamente à preparação dos boletins, trabalhamos as competências pragmáticas, que compreendem, entre outras, a capacidade de contextualizar, interpretar e explicar informações relevantes; buscar grau de precisão no relato e na interpretação do fato; formular questões e conduzir entrevistas; dominar o processo de apuração, depuração, aferição, produção, edição e difusão; produzir enunciados com clareza, rigor e correção; e editá-los em tempo exíguo.

No âmbito da disciplina Redação e Produção em Telejornalismo, as competências menos trabalhadas são as comportamentais, que, no Projeto Pedagógico, apontam para a necessidade de manter o entendimento sobre a regulamentação político-jurídica do jornalismo e da comunicação social; sobre exercer fiscalização sobre poderes constituídos, o direito dos cidadãos à informação e o livre trânsito das ideias e das variadas opiniões.

6 Considerações finais

O jornalismo audiovisual, até recentemente, exigia de seus profissionais basicamente as mesmas competências e habilidades requeridas de profissionais das mídias impressa e sonora. Domínio da linguagem verbal; poder de concisão e síntese; capacidade de entrevistar e extrair conteúdos e informações significativos das “sonoras” (entrevistas); e organização das informações segundo uma sequência inteligível ao público eram as principais competências compartilhadas pelos profissionais das três mídias.

Até meados dos anos 2000, profissionais que ingressavam no Radiojornalismo aprendiam a tirar partido da voz e da expressão oral para transmitir as notícias. Os profissionais do telejornalismo agregavam a essa competência aquela relacionada à postura corporal e facial diante das câmeras. Quanto aos aspectos visuais e sonoros das reportagens, a prática de um telejornal cobrava o conhecimento e a aptidão apenas de alguns profissionais, notadamente o cinegrafista e o editor de imagem, cuja formação superior, até alguns anos atrás, não era cobrada.

Hoje, depois do advento da web 2.0, quando as redes sociais se expandiram e surgiram os dispositivos móveis dotados de aplicativos de gravação de áudio e vídeo e depois do surgimento dos movimentos de jornalismo cidadão, cultura participativa e midialivrismo, o espectro de demandas para os profissionais se tornou bem mais amplo. Além disso, as equipes que contavam com cinegrafistas, iluminadores e profissionais do áudio, foram reduzidas e, em muitos casos, um único profissional executa todas as funções, antes distribuída entre várias pessoas.

Ao jornalista não basta mais estar informado, compreender causas, consequências e transcendências de um fato ou fenômeno. É insuficiente ser capaz de redigir um bom texto, adequado para cada mídia específica. O profissional, autônomo ou contratado, precisa ter outras habilidades e competências como captar adequadamente o som do ambiente e de uma sonora, gravar as imagens do fato reportado com qualidade técnica, estética e informativa. Editar seu material e fazer o *upload* para um blog, canal do YouTube ou para uma mídia social são outras competências esperadas, além das que foram dominantes em décadas passadas.

Se o cenário da atuação profissional mudou de maneira tão radical, a metodologia do processo ensino-aprendizagem também precisa mudar e é isso que vimos buscando nos últimos tempos.

Em nosso caso, observamos que a metodologia ainda carece de ajustes. Dentre eles, incrementar a organização de textos e apresentações (ppts) disponibilizados no ambiente virtual da disciplina (SGA), de forma que o aluno amplie seu conhecimento sobre conceitos e teorias específicas do subcampo do jornalismo audiovisual. Também é preciso deixar mais evidente a amplitude da formação que se pretende oferecer aos estudantes e o bom resultado a que podem chegar se houver engajamento, participação nas aulas práticas e leitura para melhor compreensão e fixação dos conceitos e das teorias.

Entretanto, é preciso considerar que, a exemplo de metodologias adotadas em outros cursos de comunicação, como o descrito por Molina e Medeiros (2017, p. 8), “Trata-se de um processo dinâmico, orgânico e em evolução, onde a tríade projeto – realização – análise, acontece simultaneamente”.

Enfim, neste artigo tivemos a pretensão de sistematizar um conjunto de procedimentos e lançar olhar crítico ao que vem sendo feito em sala de aula com o objetivo de identificar eventuais falhas, de forma a superá-las e de aprimorar processo e produto. Ao detalhar a metodologia, pudemos refletir de forma mais assertiva sobre os desafios e obstáculos à implantação da metodologia. Quando for possível fazer avaliação sistemática junto aos estudantes, certamente essa reflexão ganhará outra dimensão.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. **MEC homologa diretrizes curriculares nacionais de Jornalismo**. 2013. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/sbpjour/2013/09/13/mec-homologa-diretrizes-curriculares-nacionais-de-jornalismo/>. Acesso em: 01 maio 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 28 abr. 2018.

DAHER, Nataly de Sousa Dias; PORTO JUNIOR, Francisco Gilson Rebouças. Jornalismo no Brasil: Notas sobre as competências formativas a partir das novas diretrizes curriculares. **Aturé Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, Palmas, v. 1, n. 1, p. 137-155, jan.-abr. 2017. ISSN nº 2526-8031.

DAY, Julia; JOHNSTON, Chris. Public provides new dimension to media coverage. **The Guardian**, Londres, 8 jul. 2015. Disponível em: <https://www.theguardian.com/media/2005/jul/08/attackonlondon.digitalmedia>. Acesso em: 30 abr. 2018.

Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001512/151209POR.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2018.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Programa Nacional de Estímulo à Qualidade da Formação em Jornalismo**. 2008. Disponível em: http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/10/programa_qualidade_ensino_2008.pdf. Acesso em: 01 maio 2018.

JENKINS, Henry *et al.* **Confronting the Challenges of Participatory Culture**. Media Education for the 21st Century. Cambridge, MIT Press, 2009.

LATOURETTE, B. **Reagregando o Social**. Uma introdução à teoria do Ator-Rede. São Paulo: EDUFBA e EDUSC, 2012.

MOLINA, Fernando; MEDEIROS NETO, Benedito. **O perfil do jornalista 3.0 Novas competências necessárias** – o jornalismo no século XXI. 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/322131527>. Acesso em: 28 abr. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Modelo curricular da UNESCO para o ensino do jornalismo**. 2010.

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. **Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo**. Bacharelado. Belo Horizonte, nov. 2015.